

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE ARTES E LETRAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
BACHARELADO EM LETRAS E LITERATURAS DA LÍNGUA
PORTUGUESA**

**REFLEXÕES SOBRE A CONSTITUIÇÃO DA
CATEGORIA DE SUJEITO: UM ESTUDO A PARTIR
DE BENVENISTE E PÊCHEUX**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Kelly Fernanda Guasso da Silva

**Santa Maria, RS, Brasil
2014**

REFLEXÕES SOBRE A CONSTITUIÇÃO DA CATEGORIA DE SUJEITO:

UM ESTUDO A PARTIR DE BENVENISTE E PÊCHEUX

Kelly Fernanda Guasso da Silva

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação do curso de Bacharelado em Letras e Literaturas da Língua Portuguesa, Área de concentração em Linguística, Letras e Artes, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Graduação em Letras**.

Orientadora: Profa. Dr. Verli Petri da Silveira

**Santa Maria, RS, Brasil
2014**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE ARTES E LETRAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
BACHARELADO EM LETRAS E LITERATURAS DA LÍNGUA
PORTUGUESA**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova o Trabalho de
Conclusão de Curso

**REFLEXÕES SOBRE A CONSTITUIÇÃO DA CATEGORIA DE
SUJEITO: UM ESTUDO A PARTIR DE BENVENISTE E PÊCHEUX**

elaborado por

KELLY FERNANDA GUASSO DA SILVA

como requisito parcial para obtenção do grau de Graduação em Letras

Comissão Examinadora

**Verli Fátima Petri da Silveira
(Orientadora)
Larissa Montagner Cervo**

**Santa Maria, RS, Brasil
09 jul. 2014**

AGRADECIMENTOS

RESUMO

Trabalho de Conclusão de Curso
Universidade Federal de Santa Maria

REFLEXÕES SOBRE A CONSTITUIÇÃO DA CATEGORIA DE SUJEITO: UM ESTUDO A PARTIR DE BENVENISTE E PÊCHEUX

AUTORA: KELLY FERNANDA GUASSO DA SILVA
ORIENTADORA: PROFA. DR. VERLI PETRI DA SILVEIRA

Data e local: Santa Maria, 09 de julho de 2014.

Este trabalho apresenta um estudo acerca da concepção da categoria de sujeito proposta por Émile Benveniste, um importante teórico da área dos estudos linguísticos, e por Michel Pêcheux, um filósofo que se preocupou, também, com as questões da linguagem. A partir deste estudo, procura-se entender e realizar uma análise contrastiva entre o que cada um dos autores apresenta a respeito da categoria de sujeito e como suas teorias contribuíram para o desenvolvimento e aperfeiçoamento da Linguística, bem como para a produção de conhecimentos no âmbito dos estudos de Análise de Discurso. Propõe-se a explicitação de noções caras aos dois teóricos por meio de pesquisa bibliográfica, para que então se possa propor a exploração (análise discursiva) da constituição da categoria de sujeito em textualidades, mais especificamente, por meio da análise de tirinhas da Mafalda e do Armandinho, de autoria de Quino e de Alexandre Beck, respectivamente. A perspectiva teórico-metodológica aqui empreendida segue os pressupostos da Análise de Discurso (AD), tal como foi concebida por Michel Pêcheux, na França, entre os anos 1968 e 1983, e como vem sendo desenvolvida por relevantes pesquisadores, no Brasil, nas últimas décadas.

Palavras-chave: Sujeito. Discurso. Linguagem.

ABSTRACT

Completion of Course Work
Federal University of Santa Maria

REFLECTIONS ON THE CONSTITUTION SUBJECT CATEGORY: A STUDY FROM BENVENISTE AND PÊCHEUX

AUTHOR: KELLY FERNANDA GUASSO DA SILVA
GUIDANCE: PROFA. DR. VERLI PETRI DA SILVEIRA
Date and place: Santa Maria, June 9, 2014.

This paper presents a study on the design of the proposed subject category by Émile Benveniste, an important area of theoretical linguistic studies, and Michel Pêcheux, a philosopher who was also concerned with issues of language. From this study, we seek to understand and carry out a contrastive analysis between what each author presents about the subject category and how his theories contributed to the development and improvement of linguistics, as well as for the production of knowledge within studies of Discourse Analysis. It is proposed the clarification guys to two theoretical notions by means of literature, so that we can propose the holding (discourse analysis) of the constitution of the subject category in textualities, more specifically, through the analysis of Mafalda strips and the Armandinho, authored by Quino and Alexandre Beck, respectively. The theoretical-methodological approach taken here follows the assumptions of Discourse Analysis (AD), as conceived by Michel Pêcheux, France, between 1968 and 1983 and as it has been developed by relevant researchers in Brazil over the past few decades.

Keywords: Subject. Discourse. Language.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. OBJETIVOS	8
2. METODOLOGIA	8
3. RESULTADOS INICIAIS E DISCUSSÃO	10
3.1. Em busca de teorias	10
3.2. Na prática: tudo já foi dito	19
3.3. O sujeito inscreve seu dizer no interdiscurso	26
4. CONCLUSÕES INICIAIS	30
REFERÊNCIAS	33

INTRODUÇÃO

O presente trabalho propõe uma análise contrastiva da constituição da categoria de sujeito por meio do estudo dos princípios linguísticos expressos em *Problemas de linguística geral I*, de Émile Benveniste [(1966)2005], e em *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*, de Michel Pêcheux [(1975)2009]. Para isso, considerar-se-ão inicialmente as proposições de Ferdinand de Saussure, a partir da publicação póstuma do *Curso de Linguística Geral* [(1916)2006], uma vez que foi esse linguista quem instituiu a Linguística como ciência, na qual a língua é passível de análise quando se configura como objeto de estudo. À primeira vista, ao delimitar-se e instituir-se tal objeto neste campo, parece terem sido excluídos os demais elementos que compõem as relações do homem na e com a língua. Dentre os elementos excluídos, destaca-se a categoria de sujeito, somente retomada, bem mais tarde, por outros estudiosos da área. A questão que se apresenta é que, desde Saussure, perpassando por Benveniste, até chegar-se a Pêcheux ocorre um aprofundamento teórico em relação à categoria de sujeito, já que há uma linha evolutiva: passa-se da desconsideração à consideração de que ele é o centro do seu dizer, e, enfim, à noção de que elementos como ideologia, inconsciente e condições de produção vêm a contribuir e influenciar na constituição do sujeito do discurso. Nesse sentido, a proposta de exploração da categoria de sujeito será exemplificada a partir da análise de uma tirinha da Mafalda, de autoria de Quino, e uma tirinha do Armandinho, de Alexandre Beck, a partir da perspectiva teórico-metodológica da Análise de Discurso (AD), tal como foi concebida por Michel Pêcheux, na França, e como vem sendo desenvolvida no Brasil.

1. OBJETIVOS

Com o objetivo maior de entender um pouco mais sobre como se constitui a categoria de sujeito, intenta-se realizar uma leitura teórica das contribuições de Benveniste (2005) e de Pêcheux (2009) para o desenvolvimento e o aperfeiçoamento da Linguística, bem como para a produção de conhecimentos dentro dos estudos da Análise de Discurso. Os objetivos específicos são, inicialmente, considerar o trabalho de Ferdinand de Saussure (2006) como balizador que é dos estudos linguísticos, ditos modernos, pois ele instituiu a Linguística como ciência e definiu a língua como objeto passível de análise. A partir dessa retomada, estabelecer relações teóricas entre diferentes estudiosos: Émile Benveniste, que retomou a questão da subjetividade por meio da sua teoria da enunciação; e, por fim, Michel Pêcheux, que, ao fundar a Análise de Discurso, contribuiu com questões relativas ao discurso e também à categoria de sujeito. Uma história em quadrinhos será o recurso linguístico/textual analisado, a fim de que a teoria aqui sustentada possa ser entendida na prática analítica. Acredita-se também que, pela prática analítica, será possível explicitar as questões passíveis de diferenças e os possíveis pontos de aproximação entre as proposições de Benveniste e de Pêcheux.

2. METODOLOGIA

O percurso analítico organiza-se em dois momentos principais. O primeiro momento subdivide-se em três movimentos que são: 1º) Inicialmente será apresentado o quadro teórico a ser analisado, ou seja, será considerado o trabalho de Ferdinand de Saussure (2006), porque ele instituiu a Linguística como ciência, mas não teorizou muito acerca das questões relativas ao sujeito; 2º) no livro *Problemas de linguística geral I*, de Émile Benveniste (2005), buscar-se-á a concepção referente ao sujeito, já que esse foi o primeiro linguista a reconsiderar as questões subjetivas na linguagem; 3º) a seguir, passar-se-á ao livro *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*, de Michel Pêcheux (2009), devido à

importância das contribuições desse autor para a Análise de Discurso, já que ele foi o seu fundador, na França, concebendo a referida disciplina como um entremeio entre a Língua, a Filosofia e a Psicanálise.

Esse percurso inicial faz-se necessário para que se forme a possibilidade de realizar a comparação entre as designações de/sobre a categoria de sujeito que são apresentadas nessas obras, bem como se possibilite perceber que/se houve certa “evolução” no que diz respeito às questões do sentido, que são constitutivas da categoria de sujeito. Como este estudo objetiva esta categoria, far-se-á um recorte a fim de que seja analisada apenas a teoria relacionada à designação do sujeito. Por esse motivo, serão analisados os capítulos que tratam especificamente da subjetividade na linguagem, que são assim intitulados: “Estrutura das relações de pessoa no verbo”, “A natureza dos pronomes” e “Da subjetividade na linguagem”, na obra *Problemas de linguística geral I* (BENVENISTE, 2005) – situados na parte do livro que traz a proposta de discutir “o homem na língua”. Na obra *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* (PÊCHEUX, 2009), serão analisados os capítulos “Discurso e ideologia” e “Os processos discursivos nas ciências e na prática política”, visto que se parte do pressuposto de que a ideologia interpela o sujeito a significar-se no discurso. Busca-se compreender a maneira pela qual a categoria de sujeito é significada em Benveniste (2005) e em Pêcheux (2009), assim como as possíveis relações de aproximação e de distanciamento entre essa significação.

Em um segundo momento, objetiva-se apresentar a teoria em funcionamento, a partir da prática discursiva; para tanto, considerar-se-á uma tirinha da Mafalda, de autoria de Quino, e uma tirinha do Armandinho, de Alexandre Beck, pois nelas será possível não somente se demonstrar as marcas de sujeito, mas também outras questões que reverberam sentidos, já que se segue aqui a perspectiva da análise discursiva. As histórias em quadrinhos estabelecem “um discurso ora trivial sobre o cotidiano, ora irônico, crítico ou mesmo filosófico” que “caracterizam-se por seu conteúdo temático, estilo e unidades composicionais a refletir o contexto social no qual estão inseridas” (NICOLAU, 2010, p. 1), e é esse o motivo por que a sua análise passa a ser privilegiada neste estudo.

3. RESULTADOS INICIAIS E DISCUSSÃO

3.1. Em busca de teorias

O caminho para uma definição da categoria de sujeito é complexo e perpassa concepções diversas. Neste trabalho, conforme já foi explicitado, realizou-se um recorte a fim de considerarem-se os pontos de vista de três estudiosos que refletiram sobre esse assunto, são eles: Saussure, Benveniste e Pêcheux. Antes de adentrar na teoria propriamente dita, considerar-se-á a etimologia da palavra, conforme a linguista francesa Claudine Haroche (1992, p. 158):

A etimologia nos ensina que o sentido primeiro de “sujeito” (surgido no século XII) significa: “submetido à autoridade soberana”. “Sujeição” aparece igualmente na mesma época; no século XV, são derivadas as palavras “assujeitar” e “assujeitamento”. Bloch e Wartburg nos revelam também que o termo “sujeito”, significando no início “que é subordinado”, toma, a partir do século XVI, o sentido de “matéria, causa, motivo” e, enfim, de “pessoa que é motivo de algo, pessoa considerada em suas aptidões”.

A referida teórica considerou a etimologia da língua francesa. Ainda que o português e o francês possuam a mesma origem românica, sabe-se que a língua portuguesa desenvolveu-se de maneira diversa; porém, os três linguistas aqui considerados são franceses e/ou publicaram suas teorias em francês, fato que possibilita que a definição de Haroche (1992) satisfaça às condições de produção dos discursos em questão. O uso da palavra “sujeito” com sentido de “pessoa” e não no sentido de “submissão”, portanto, pode ser referido apenas ao século XVI. Recuperar as discussões de renomados linguistas acerca da constituição da categoria de sujeito é, nesta análise, um movimento de retomada com a finalidade de valorizar o passado e entender o presente de uma língua da qual se é sujeito e, ao mesmo tempo, se é assujeitado.

Há a necessidade, neste momento teórico inicial, de distanciar o sujeito aqui apreendido tanto daquele biológico, de carne e osso, quanto daquele gramatical, representado pela “unidade ou sintagma nominal que estabelece uma relação predicativa com o núcleo verbal para constituir uma oração” (BECHARA, 2009, p. 409). Pretende-se apresentar aqui considerações acerca da categoria de sujeito no sentido de “transbordar” esses conceitos iniciais, porque se considera o sujeito do

discurso – sendo o discurso uma prática social, e o sujeito um resultado dos processos sociais. A partir de Cervo e Petri (2013, s.p.), materializa-se aqui uma busca pela historicidade que constitui a categoria de sujeito, que é o que delinea o presente trabalho:

Na tentativa de recuperarmos fatos e dados marcantes de tal processo, sem a pretensão de marcamos um ponto de origem, perseguimos pistas de um possível caminho trilhado para a tessitura da relação estabelecida entre Pêcheux e Saussure, o que deriva da sensibilidade do autor francês à questão epistemológica, em particular, das ciências sociais.

Saussure, entre 1907 e 1911, quando ministrou seus Cursos de Linguística Geral, em Genebra, delimitou que o objeto de estudo da Linguística era a língua e instituiu, assim, a Linguística como ciência passível de análise. No livro póstumo desse autor, *Curso de Linguística Geral* [(1916)2006], organizado por alunos participantes dos referidos cursos, algumas questões foram privilegiadas em detrimento de outras; dentre elas, por exemplo, as dicotomias envolvendo os estudos acerca da língua e da fala, do social e do individual, da sincronia e da diacronia etc. Saussure ficou conhecido pelo estabelecimento dessas dicotomias e por seu recorte teórico que deixou de lado qualquer elemento que possa remeter àquilo que é individual e diz respeito à subjetividade na linguagem. Sua teoria trouxe inúmeras contribuições para a Linguística; porém, seus estudos requerem uma complementação no que diz respeito à designação da fala, do sujeito, do diacrônico etc.

É possível perceber-se que algumas questões são marcadamente deixadas de lado por esse linguista devido ao seu recorte teórico. Isso requer especial atenção quando se estuda Saussure, fato que ficará ainda mais forte no decorrer dos estudos da Linguística Contemporânea, por produzir contrastes, confrontos, tensão. Essas questões serão aprofundadas por autores como Benveniste e Pêcheux, por exemplo, cada um com sua perspectiva teórica bem delimitada.

Saussure (2006, p. 19) afirma que: “necessário se faz colocarmo-nos diante do ato individual que permite reconstituir o circuito da fala. Este ato supõe pelo menos dois indivíduos; é o mínimo exigido para que o circuito seja completo”. Portanto, embora a noção de que a fala é um ato individual que pressupõe dois indivíduos já seja admitida, o referido estudioso deixa tal questão de lado para que

possa deter-se em outros elementos linguísticos de seu interesse – isso, em partes, será retomado e aprofundado por Benveniste (2005), como se explicitará a seguir.

Saussure (2006, p. 28) defende que língua e fala são duas subdivisões da Linguística. Ele afirma que o essencial à linguagem é somente a língua e que a fala, sendo necessariamente relacionada a um indivíduo (ainda não é considerada a categoria de sujeito propriamente dita), é uma questão secundária da linguagem e da produção de sentidos:

O estudo da linguagem comporta, portanto, duas partes: uma essencial, tem por objeto a língua, que é social, em sua essência e independente do indivíduo; esse estudo é unicamente psíquico; outra, secundária, tem por objeto a parte individual da linguagem, vale dizer, a fala, inclusive a fonação e é psico-física.

Por meio da utilização dos adjetivos “essencial” e “secundária”, semanticamente carregados de sentidos bem distintos, Saussure (2006) demonstra qual é a sua perspectiva teórica, considerando-se que algumas acepções possíveis para “essencial” são: indispensável, necessário, importante (cf. HOLANDA, 1975, p. 574); e para “secundária” são: de pouco valor, insignificante, inferior (cf. HOLANDA, 1975, p. 1280). Nesse âmbito, a escolha por palavras como “social” e “individual” apenas reforça a ideia que vem sendo defendida, pois o referido autor privilegia o estudo da língua, por considerá-la indispensável à linguagem social, ao passo que relega o estudo da fala, por tê-la como um acessório individual, fato que dificultaria a sua análise científica.

Émile Benveniste foi um leitor de Saussure e, no livro *Problemas de Linguística Geral I* (publicado originalmente na França em 1966), um dos seus trabalhos mais difundidos nos estudos da Linguística, confere um lugar de credibilidade ao genebrino ao afirmar que “não há um só linguista hoje que não lhe deva algo. Não há uma só teoria geral que não mencione o seu nome” (BENVENISTE, 1976, p. 34). Benveniste (1976) dedicou um capítulo inteiro de seu livro a ponderações acerca das contribuições de Saussure, bem como aos possíveis dramas de pensamento que atormentaram o fundador de uma ciência. A partir da consideração de que, por exemplo, “Saussure é em primeiro lugar e sempre o homem dos fundamentos” (BENVENISTE, 1976, p. 35), tem-se, segundo o referido autor, que em Saussure há o estabelecimento de um lugar de fundação. É evidente que o trabalho de Saussure, assim como toda e qualquer ciência, prioriza algumas

questões em detrimento de outras e é por esse motivo também que ele está sendo considerado aqui.

Benveniste, em 1966, quando publicou a primeira edição em francês do livro *Problemas de Linguística Geral I* (2005), analisou, entre outros pontos relevantes, a constituição da categoria de sujeito na língua e é por isso que é trazida à baila a sua Teoria da Enunciação. Nessa teoria, o autor propôs as noções de enunciação e de locutor, sendo a enunciação o “contrato” estabelecido durante a fala, e o locutor a pessoa que assume a fala no momento do discurso:

Benveniste libertou os linguistas presos à sujeição da teoria saussuriana. Ele lhes deu a subjetividade, o mundo e o discurso que o contém; reatou com a filosofia, encontrou a psicologia social e a pragmática; reencontrou a virtude do diálogo e da interação. Enfim, uma linguística diferente! (NORMAND, 2007, p. 14).

Podem-se destacar algumas questões norteadoras do *corpus* de análise do presente trabalho, como por exemplo, a noção recorrentemente trazida em *Problemas de Linguística Geral I* (2005) de que “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como ‘sujeito’; porque só a linguagem fundamenta na realidade [...] o conceito de ‘ego’” (BENVENISTE, 2005, p. 286, grifos do autor); ou seja, de acordo com o autor, o homem se constitui como sujeito na e pela linguagem. Esse fato ressoa na importância desse conceito para o entendimento e prosseguimento das reflexões acerca das contribuições de Benveniste para o estudo da linguagem e, sobretudo, para a própria Linguística.

No presente trabalho, pretende-se “adentrar o espaço das questões historicamente construídas” (PETRI, 2010, p. 26) e perceber nesse lugar aquilo que se faz recorrente e que, por um efeito ilusório de neutralidade, conduz à produção de sentidos. Em Benveniste (2005, p. 286, grifos do autor), por exemplo, tem-se que o sujeito só se estabelece como tal por meio da presença de um interlocutor. Nas palavras do autor: “A consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste. Eu não emprego ‘eu’ a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocação um ‘tu’”.

Desse modo, pode-se inferir que Benveniste (2005) sugere que o sujeito constitui-se como tal pela fala e a partir do outro, propondo, desse modo, a relação comunicativa do “eu” (o sujeito) com o “tu” (o outro). Portanto, a subjetividade teorizada por esse linguista é a capacidade de o locutor inserir-se e assumir-se

como sujeito em um discurso. E essa questão é contrastante, uma vez que se tem, a partir dela, uma contrariedade entre os estudos benvenistianos e os estudos discursivos, porque Benveniste considera apenas a instância da linguagem verbal humana como possibilitadora da instituição do sujeito. Por outro lado, na Análise de Discurso, entende-se que o sujeito também se significa por meio da linguagem não-verbal, dos não-ditos e que seu dizer é atravessado pela ideologia e pelo inconsciente. Dentro dessa perspectiva, acepções como a de Benveniste “produzem uma assepsia do não-verbal, um seu efeito de transparência, pela sua verbalização necessária” (ORLANDI, 1995, p. 36). Além disso, em seu constructo teórico, a Análise de Discurso, considerando a teoria materialista, critica o objetivismo abstrato (a língua como sistema neutro, abstrato) e o subjetivismo idealista (o sujeito como centro e causa de si), porque acredita que a língua não funciona fechada em si mesma, mas que ela é atravessada pela ideologia, pelo inconsciente e pelo interdiscurso.

Benveniste (2005, p. 280, grifos do autor) recorre à categoria da dêixis para relacionar o discurso produzido ao seu locutor: “original e fundamental o fato de que essas formas ‘pronominais’ [eu, aqui, agora] não remetem à ‘realidade’ nem a posições ‘objetivas’ no espaço e no tempo, mas à enunciação, cada vez única, que as contém, e refletem assim o seu próprio emprego”. Dessa forma, pode-se apreender que os dêiticos, por si só, são signos vazios de significado, que não correspondem a uma realidade e que somente se tornam plenos de significância na instância do discurso, ou seja, sujeito e discurso constituem-se simultaneamente no momento da enunciação. Pêcheux (2009, p. 178-179, grifos do autor), sob outro ponto de vista, ao defender o processo materialista de análise, afirma que “a repetição *idealista* da forma-sujeito caracterizada pela coincidência do sujeito consigo mesmo (eu/aqui/agora) no ‘visto’ de uma cena, na evidência da *experiência* de uma situação [...] que pode ser transferida [...], a qualquer sujeito” não configura a transparência do sentido que se propõe no discurso; contrariamente ao que afirmou Benveniste (2005), como se pode perceber.

Entretanto, não há apenas distanciamentos entre a Teoria da Enunciação, em Benveniste, e a Análise de Discurso, representada aqui por Pêcheux, pois, tal como aquele, este teórico afirma que o “outro” faz parte da constituição do sujeito:

[...] a marca do inconsciente como ‘discurso do Outro’ designa no sujeito a presença eficaz do ‘Sujeito’, que faz com que todo sujeito ‘funcione’, isto é,

tome posição, 'em total consciência e liberdade', tome iniciativas pelas quais se torna 'responsável' como autor de seus atos, etc. (PÊCHEUX, 2009, p. 159).

Nesse âmbito, o sujeito do discurso, segundo Benveniste (2005), funciona como o centro do dizer, uma fonte de criação de enunciados no exercício da língua, embora esse sujeito só exista em uma relação de contraste entre duas pessoas discursivas. Pêcheux (2009), por sua vez, propõe que a produção de sentidos se dá entre dois pontos (A e B), bem como que o sujeito se significa a partir das condições de produção do discurso, do interdiscurso, da formação ideológica, da formação discursiva em que está inserido, etc. Um ponto de aproximação entre as teorias benvenistiana e pechetiana, portanto, já que se concebe a ideia de duas pessoas no discurso, ainda que os autores advenham de lugares teóricos bem diferentes.

Como se explicitará a seguir, a reversibilidade, proposta por Benveniste (2005, p. 253) como “o que ‘eu’ define como ‘tu’ se pensa e pode inverter em ‘eu’, e ‘eu’ se torna um ‘tu’”; também será considerada por Pêcheux (2009, p. 146-147), sendo que, a partir desse autor, pode-se entender que a constituição do sujeito e dos sentidos está atrelada às condições de produção de um discurso, bem como à formação ideológica do sujeito:

[...] as palavras, expressões, preposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas [...] nas quais essas posições se inscrevem.

Para Benveniste (2005, p. 280), os dêiticos são palavras vazias de sentido que se referem ao momento da enunciação, utilizados para referir à pessoa (eu), ao tempo (agora) e ao espaço (aqui): “a dêixis é contemporânea da instância do discurso que contém o indicador de pessoa; dessa referência o demonstrativo tira o seu caráter cada vez único e particular, que é a unidade da instância do discurso à qual se refere”. Por outro lado, o quadro teórico construído por Pêcheux (1993, p. 82), concebe o discurso como “efeito de sentidos entre os pontos A e B”, ou seja, entre interlocutores. De acordo com Petri (2004a, p. 34), “esse efeito é produzido a partir da determinação de lugares sociais que os sujeitos ocupam. É preciso levar em conta ainda que a ideologia é um dos elementos determinantes [...] unindo-se a ela [...] as condições de produção do discurso que são históricas”. A Análise de Discurso dispõe-se, como é possível perceber, a alertar o analista para além dos

fatos linguísticos, já que questões temporais, espaciais e ideológicas influenciam na interpretação de um discurso.

Na obra *Semântica e discurso*, de Michel Pêcheux (2009), tem-se o grande momento da ordenação das noções até então apresentadas por esse autor, bem como é “onde o desenvolvimento do pensamento encontra a escrita” (MALDIDIER, 2003, p. 44). Dentre tantos outros conceitos propostos, Pêcheux afirma, calcado nos ideais althusserianos, que o funcionamento da ideologia se realiza por meio do complexo das formações ideológicas (e, especificamente, através do interdiscurso intrincado nesse complexo) e fornece a cada sujeito a sua “realidade”. Portanto, pode-se apreender que a ideologia interpela o sujeito a significar-se no discurso, bem como que, mesmo inconsciente, a ideologia faz-se presente ao sujeito por um efeito de neutralidade.

Considerando-se Mazière (2007, p. 22) a respeito da importância do conceito em evidência, objetiva-se apreender mais acerca desse sujeito da Análise de Discurso que não é idêntico à noção desenvolvida por Benveniste, uma vez que está inscrito na história, é dotado de inconsciente e é atravessado pela ideologia:

Referência obrigatória, o sujeito da AD é um “lugar de sujeito” em uma abordagem dessubjetivada. De fato, ele não pode ser apreendido, a não ser no interior de cada uma das buscas do analista, em função de seu desígnio interpretativo e de sua posição quanto à língua.

Esse “lugar de sujeito” pode ser visto como resultante do fato de a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetuar pela identificação do sujeito com a formação discursiva (FD) que o domina. A saber, a FD determina o que pode e deve ser dito, ao passo que a formação ideológica (FI) estabelece uma posição social, uma conjuntura: “Chamaremos, então, formação discursiva aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito” (PÊCHEUX, 2009, p. 147). O interdiscurso, por sua vez, determina a FD, porque é constituído de todo o dizer já dito: “[...] o interdiscurso aparece como puro ‘já dito’ do intradiscurso, no qual ele [o sujeito] se articula por ‘correferência” (PÊCHEUX, 2009, p. 154, grifos do autor).

Ainda de acordo com Pêcheux (2009, p. 139, grifos do autor), a ideologia e o inconsciente produzem “um tecido de *evidências ‘subjetivas’*, devendo entender-se este último adjetivo não como ‘que afetam o sujeito’, mas ‘nas quais se constitui o

sujeito”, ou seja, a constituição do sujeito perpassa por evidências tal como a ideologia e o inconsciente, que poderão ser percebidas no discurso desse sujeito.

Na Análise de Discurso, compreende-se a forma-sujeito, isto é, o indivíduo social resultado de processos institucionais de individualização e não o sujeito biológico ou psicológico. De acordo com Orlandi (2010, p. 18), “a forma-sujeito, de fato, é a forma de existência histórica de qualquer indivíduo agente das práticas sociais”. Guimarães (2003, p. 22) também faz questão de definir qual a concepção de sujeito a ser considerada por ele e, desse modo, pela teoria enunciativa: “os falantes não são as pessoas na atividade físico-fisiológica, ou psíquica, de falar. São sujeitos da língua enquanto constituídos por este espaço de línguas e falantes que chamo espaço de enunciação”. A questão é, portanto, que se deve diferenciar o sujeito empírico daquele resultado dos processos político-sociais, pois é somente este último que figura no espaço de enunciação discursivo.

Nesse sentido, a enunciação teorizada por Benveniste (2005) também é um elemento relacionado por Pêcheux (2009, p. 159, grifos do autor) como constitutivo do sujeito, por possibilitar a sua tomada de posição: “as noções de *asserção* e de *enunciação* estão aí para designar, no domínio da ‘linguagem’, os atos de tomada de posição do sujeito, enquanto sujeito-falante”. Contudo, é evidente que Pêcheux advém de uma linha teórica diferente e que a sua noção acerca do conceito é ampliada, uma vez que elementos como a ideologia, o inconsciente, a história e as condições de produção atravessam o sujeito aqui considerado.

Assim sendo, pode-se perceber que os dizeres em parte se repetem, ainda que não a nível vocabular, mas a nível semântico. Em outras palavras, pode-se afirmar que os sentidos ressoam e o que foi afirmado anteriormente por Benveniste (2005) a respeito da categoria de sujeito pode ser reformulado e, de certa maneira, enriquecido por Pêcheux. O que se afirma aqui perpassa a questão dos *esquecimentos nº 1 e nº 2* – propostos por Pêcheux (2009, p.161-162) – que são, na Análise de Discurso, um fato importante para a constituição do sujeito e dos sentidos sobre o sujeito:

Concordamos em chamar esquecimento nº 2 ao “esquecimento” pelo qual todo o sujeito falante “seleciona” no interior da formação discursiva que o domina, isto é, no sistema de enunciados, formas e sequências que nela se encontram em relação de paráfrase [...].

Por outro lado, apelamos para a noção de “sistema inconsciente” para caracterizar um outro “esquecimento”, o esquecimento nº 1, que dá conta do

fato de que o sujeito falante não pode, por definição, se encontrar no exterior da formação discursiva que o domina.

O indivíduo, portanto, coloca-se na origem do que diz para ser chamado à existência e interpelado em sujeito, ou seja, supõe-se aí uma articulação entre ideologia e inconsciente e produz-se um tecido de evidências subjetivas. Orlandi (2010) afirma que é pelo esquecimento do que o determina que o sujeito do discurso se constitui, porque ele “precisa” ter a ilusão de ser a origem do seu dizer (esquecimento nº1), bem como a ilusão da literalidade/realidade do seu dizer (esquecimento nº2) para se significar.

Outro elemento inerente à constituição da categoria de sujeito é o assujeitamento (“submissão”) da língua na história e, conseqüentemente, a possibilidade de ser sujeito, porque o indivíduo está sujeito à língua, à história, à ideologia e ao inconsciente para assumir a palavra e, portanto, produzir sentidos: “o sujeito não é livre, ‘ele é falado’, isto é, dependente, dominado. O conteúdo do texto difere, mas qualquer que ele seja, a dependência do sujeito ao texto, sua determinação pelo texto, estão asseguradas” (HAROCHE, 1992, p. 158, grifos da autora). É entre o possível e o historicamente determinado que trabalha a teoria discursiva; desse modo, considera-se, também, a noção de condições de produção como uma questão fundamental, porque é sob determinadas circunstâncias temporais e espaciais, bem como pelo atravessamento da ideologia e do inconsciente que o sujeito adquire a possibilidade de significar-se na língua por meio da fala ou da escrita.

Pêcheux também foi um leitor de Saussure e não deixou de conferir ao mestre um papel de destaque ao refletir sobre os conceitos discursivos mobilizados em *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* (2009, p. 221): “tudo está em jogo aqui, inclusive o próprio futuro do caminho científico aberto por Saussure”. O trabalho de Saussure (2006), no sentido de instituir a Linguística como ciência, portanto, é uma inegável abertura às possibilidades da língua. As perspectivas adotadas pelos referidos autores, no entanto, são diferentes, como já foi afirmado no presente estudo, pois Pêcheux (2009), ao considerar condições exteriores – ideologia e inconsciente, por exemplo –, atravessando os discursos dos sujeitos, também desenvolveu o caminho científico já percorrido por Saussure (2006), Benveniste (2005) e outros.

Pêcheux (2009), ainda que respeitasse o trabalho de Saussure (2006), não deixou de indicar um ponto de fragilidade na teoria saussuriana: a fala. Por representar a língua como sistematicidade em funcionamento, a fala constitui uma lacuna a ser preenchida. O autor sustenta que

[...] não significa evidentemente que estamos imputando a F. de Saussure sabe Deus qual responsabilidade teórica em relação a um 'erro' que ele tivesse tido que evitar; queremos apenas designar o ponto de fragilidade do edifício saussuriano, sua fenda constitutiva, o lugar central em que o pensamento saussuriano foi transbordado e recoberto pelo impensado, do qual, em outros aspectos, esse pensamento se separava (PÊCHEUX, 2009, p. 221).

A esse respeito, Cervo e Petri (2013, s.p.) afirmam que o deslocamento ativado por Saussure é inegável. Pêcheux, portanto, reconhece que o recorte saussuriano instaurou um momento novo, diferente, outro:

Pêcheux reconhece o mérito de Saussure, mas não se refugia nas descobertas saussurianas, explicitando que a questão da produção dos sentidos ainda estaria à descoberta. É pela análise de discurso, tal como foi pensada por Pêcheux e seus interlocutores que a língua ganha um estatuto especial, semanticamente falando.

Nesse sentido, é também a partir do que Saussure (2006) disse antes, de outro lugar teórico, inclusive, que Pêcheux (2009) instaurou o novo, o diferente, a tensão. Considerar categorias exteriores como constituintes do discurso foi um passo no caminho necessário de discussões sobre a língua, o sujeito e o discurso. A Análise de Discurso, nesse sentido, só reforça o fato de que os discursos não são neutros/transparentes e que os sujeitos são atravessados pela ideologia e pelo inconsciente em cada tomada de posição.

3.2. Na prática: tudo já foi dito...

Eis um fato implacável da linguagem: tudo já foi dito! É possível perceber-se que não é necessária a literalidade, ou seja, o uso perpétuo dos mesmos vocábulos para significar as mesmas coisas. O leitor não pode ser inocente: existem processos linguístico-discursivos como a paráfrase e a ironia, por exemplo, que podem comprovar as possibilidades da língua. Até mesmo o não-dito significa – e muito –

em um discurso. O uso da linguagem por determinado sujeito falante – pressupondo um interlocutor, como já foi apresentado – permite uma análise ou múltiplas análises, dependendo sempre dos atributos teóricos e metodológicos à disposição do analista. A Análise de Discurso, por exemplo, que vem a ser a teoria aqui seguida, alerta para o fato de que noções como o interdiscurso, a ideologia, o inconsciente, a história, o assujeitamento e as condições de produção estão sempre presentes na produção de um discurso.

Saussure (2006, p. 16), acerca da condição da linguagem, afirma que “a linguagem implica, ao mesmo tempo, um sistema estabelecido e uma evolução: a cada instante, ela é uma instituição atual e um produto do passado”. Reforçando essa ideia, mas, evidentemente, dispondo de outro conceito em relação à categoria de sujeito, Pêcheux (2009, p. 149) diz que tudo já foi dito antes, em outro lugar:

o próprio de toda formação discursiva é dissimular, na transparência do sentido que nela se forma, a objetividade material contraditória do interdiscurso, que determina essa formação discursiva como tal, objetividade material essa que reside no fato de que ‘algo fala’ sempre ‘antes, em outro lugar e independentemente’, isto é, sob a dominação do complexo das formações ideológicas.

As histórias em quadrinhos são um popular exemplar de discurso que difunde, muitas vezes, críticas e/ou constatações a respeito de atualidades ou da própria condição humana. Se anteriormente elas figuravam em jornais de publicação diária ou semanal, atualmente elas ganharam força ao difundirem-se por meio eletrônico. Dentre tantos personagens e autores, é inegável o fato de que Joaquín Salvador Lavado, mais conhecido como Quino, e a sua personagem Mafalda ganharam o gosto popular ao longo do tempo.

De acordo com Santana (s.d.), Mafalda animou as histórias em quadrinhos em todo o planeta, de 1964 a 1973. Essa personagem, que se tornou popular em todo o continente europeu e na parte latina da América, é uma garota inquieta com a trajetória do ser humano e com a paz no mundo. As aventuras de Mafalda foram narradas em três veículos: *Primera Plana*, *El Mundo* e *Siete Días Ilustrados*. Quino, por ser um autor exigente, dedicou-se totalmente a sua personagem, com um estilo distinto de outros cartunistas, que dividiam sua produção com outros artistas e desenhistas. Ele fez questão de manter uma conexão direta com sua criatura, responsabilizando-se sozinho por ela. Assim, não foi difícil para o autor descobrir o

momento exato em que ela deveria interromper sua trajetória e partir, antes que qualquer leitor pudesse perceber que ela tinha completado sua jornada.

No jornal semanal *Primera Plana*, a tirinha de Mafalda foi lançada no exemplar de 29 de setembro de 1964, mas somente Mafalda e seus progenitores foram apresentados nessa edição; o personagem Filipe foi acrescentado em janeiro de 1965. A partir de uma divergência de natureza legal que ocorreu em 9 de março de 1965, o quadrinho foi suspenso. Uma semana depois, porém, Mafalda ressurgiu em versão diária no *El Mundo* de Buenos Aires.

Manolito e Susanita foram elaborados em poucas semanas e, quando a mãe de Mafalda descobriu que estava esperando um bebê, o veículo no qual a tira circulava entrou em falência, no dia 22 de dezembro de 1967. Em 2 de junho de 1968, a história em quadrinhos renasceu no jornal *Siete Días Ilustrados*.

No dia 25 de junho de 1973, Quino encerrou a publicação das tiras de Mafalda. Depois disso, ele raras vezes a ressuscitou, apenas em momentos muito vinculados à imagem da personagem, como as lutas pelos Direitos Humanos. Em Buenos Aires, capital da Argentina, uma praça foi batizada com seu nome, uma prova da importância dessa personagem para a construção da imagem do país, bem como para a formação social e política de seus leitores.

Propõe-se, a seguir, a análise de uma tirinha da Mafalda, a fim de se explicitar um processo de interpretação a partir do que postularam Benveniste (2005) e Pêcheux (2009) acerca da constituição da categoria de sujeito. Como já foi explicitado neste trabalho, por meio da teoria apresentada, são leituras diferentes, pois partem de pressupostos diversos, visto que, enquanto Benveniste (2005) apresenta a categoria de sujeito atrelada à situação de enunciação, portanto um sujeito centro e origem do seu dizer; Pêcheux (2009) propõe o sujeito como resultado dos processos sociais, ou seja, um sujeito que se significa a partir das condições de produção em que está inserido e atravessado pelo inconsciente e pela ideologia. Como se poderá verificar a partir da análise da figura 1:

Figura 1



Disponível em: <http://loucamenteleitores.blogspot.com.br/2013/08/tirinhas.html>. Acesso em: 03 maio 2014.

Considerando Benveniste (2005), deve-se atentar inicialmente para as marcas de pessoa, tempo e espaço do discurso, para que a situação enunciativa seja apreendida e resulte em uma comunicação eficiente. Na figura 1, Mafalda e Filipe estabelecem um contrato comunicativo por meio de um telefonema, pouco usual às crianças, que é logo justificado por meio das imagens e da linguagem: os dois estão com gripe. As imagens auxiliam na interpretação da situação, já que as crianças estão posicionadas em suas camas e com aspecto de doença. O assunto da conversa só reforça as imagens apresentadas: a gripe que impede de ir à escola. Entretanto, as crianças demonstram conceitos diferentes do mesmo fato, pois Filipe afirma no primeiro quadrinho: “O que **eu** acho bom é que com gripe a gente não vai à escola”; Mafalda, por sua vez, pensa de outra maneira, conforme explicita nos três últimos quadrinhos: “Pois **eu** não, Filipe... prefiro ir à escola, estudar, fazer as lições... a ter que carregar esta incultura viral”. É possível perceber que há uma reversibilidade na categoria de pessoa, pois tanto Filipe quanto Mafalda utilizam-se do pronome pessoal do caso reto “eu” para demonstrarem as suas opiniões. O pronome “eu”, no primeiro quadrinho, refere-se ao locutor Filipe, e é desse modo que o personagem assume a sua subjetividade. Já no segundo quadrinho, é Mafalda quem profere “eu”, fato que vai ao encontro da afirmação de Benveniste (2005, p. 253) de que “‘eu’ e ‘tu’ são inversíveis”, ou seja, o que ‘eu’ define como ‘tu’ pode inverter-se em ‘eu’, e o ‘eu’ se torna um ‘tu’”. Nesse âmbito, o mesmo autor afirma:

são os indicadores da dêixis, demonstrativos, advérbios, adjetivos, que organizam as relações espaciais e temporais em torno do “sujeito” tomado como ponto de referência [...]. Têm em comum o traço de se definirem

somente com relação à instância de discurso na qual são produzidos, isto é, sob a dependência do *eu* que aí se enuncia (BENVENISTE, 2005, p. 288).

A partir da citação, pode-se entender que é por meio da definição da categoria de pessoa que os outros referentes do discurso podem ser delimitados. Dessa maneira, fica explícita a importância da constituição da subjetividade e da identificação das marcas de pessoa em um discurso para a interpretação e a consequente produção de sentidos.

O elemento que parece conferir humor à tirinha como um todo é que Mafalda retoma anaforicamente o termo “gripe” por meio da locução adjetiva “incultura viral”, que se justifica pelo fato de que quem está com gripe não tem a mesma disposição para realizar suas atividades corriqueiras. Para Mafalda, ainda que ela seja uma jovem menina, o que lhe dá prazer é aprimorar a cultura por meio dos estudos, e ela demonstra ter consciência de que a escola é o melhor caminho para o seu futuro e o de seu país. Já Filipe não demonstra a mesma consciência, talvez pelo fato de ter pouca idade ou simplesmente por falta de empenho.

Por outro lado, a mesma tirinha da Mafalda pode ser analisada a partir da perspectiva da Análise de Discurso. Veja-se o que varia e o que se mantém: A reversibilidade da categoria de pessoa permanece em parte, uma vez que é possível verificar-se, também com auxílio das imagens, que o primeiro “eu” remete a Filipe e o segundo indica a fala de Mafalda; porém, ela falha no momento de considerar-se que a exterioridade também atravessa o discurso: o “outro”, ao tomar a palavra e dizer “eu”, significa-se de outro modo, pois está mobilizando as suas condições de produção e não outras. A consideração das condições de produção alerta para o fato de que ocorre uma tomada de posição do sujeito, fato que resulta em uma posição-sujeito, assumida por Filipe, em um primeiro momento, e depois por Mafalda.

As posições-sujeito assumidas pelos personagens, ao mobilizarem diferentes saberes, configuram diferentes relações com a FD na qual se inscrevem prioritariamente. Filipe e Mafalda, no discurso em si, podem ser identificados como duas jovens crianças, regularmente matriculadas em uma instituição de ensino. O menino demonstra desinteresse pelos estudos, enquanto a menina tem como características a sagacidade, a inquietude, a preocupação social etc. Nesse sentido, sabe-se que é pela possibilidade de identificação do sujeito com a FD na qual ele se

inscreve que a tomada de posição do sujeito se revela no discurso como uma relação singular com os saberes da FD:

É pelas “modalidades de identificação” do sujeito enunciador com a forma-sujeito que se legitima sua condição de descentrado, lacunar, disperso, múltiplo, reafirmando a caracterização material do discurso e do sentido. Juntam-se então, de forma essencial, à constituição do sujeito concebido pela AD os “esquecimentos” que fundam sua unidade imaginária e instalam a multiplicidade de sentidos no interdiscurso, estes sentidos se alternam na forma material do discurso, seja via pré-construído ou via intradiscurso (PETRI, 2004a, p. 46, grifos da autora).

Pêcheux (2009, p. 198-199) sugere a constituição da forma-sujeito a partir do “sujeito da enunciação” e do “sujeito universal”, que nada mais são do que o sujeito que assume/profere o discurso e o sujeito da ciência social, respectivamente. Nesse sentido, é o sujeito da enunciação quem dá voz ao sujeito universal; sendo assim, os personagens Mafalda e Filipe, ao assumirem a posição-sujeito, tornam-se sujeitos da enunciação, uma vez que o sujeito universal já está dado, e eles só podem produzir discurso em relação à forma-sujeito.

É a partir de Petri (2004a, p. 46) que se pode compreender os conceitos de forma-sujeito e posição-sujeito, uma vez que “falar em posição-sujeito é necessariamente falar em possíveis desdobramentos que a forma-sujeito pode ter no interior de uma FD”. Desse modo, situados em uma FD dada, Filipe e Mafalda assumem diferentes posições-sujeito, perfazendo o papel de sujeitos da enunciação.

Como já foi afirmado anteriormente, tudo já foi dito, ainda que de outra maneira, e essa questão refere-se ao interdiscurso inerente à produção de sentidos, pois um discurso sempre é atravessado não só por tudo que já foi produzido antes (o pré-construído), mas também pela história, pela ideologia e por suas condições de produção. Sendo assim, é evidente que o que foi afirmado por Filipe e por Mafalda quando assumem a posição-sujeito da enunciação e, da mesma maneira, por outros sujeitos em relação à forma-sujeito já havia sido proposto em outros discursos, mas é pela ilusão de ser a origem do seu dizer e pela ilusão da literalidade/realidade do seu dizer que o sujeito do discurso se constitui – são os *esquecimentos n°1 e n°2* referidos por Pêcheux (2009) e já conceituados anteriormente neste trabalho. Nesse sentido, acrescenta-se a questão de que o sujeito assujeita-se à linguagem para que as práticas sociais se efetivem e, ao mesmo tempo, é assujeitado, pois a linguagem é o que permite o diálogo entre os interlocutores. A partir de Pêcheux (2009) e Petri (2004a, 2004b), entende-se, portanto, que o a questão de o sujeito ser a origem do

seu dizer é uma ilusão (necessária), uma vez que, além de assujeitado à ideologia, ele é atravessado pelo inconsciente.

O sujeito produtor do discurso, por sua vez, considerando-se os contextos espacial e temporal em que está inserido, enquadra-se em uma FD dada que ativa elementos relevantes para uma análise do discurso em questão. Visto que não se dispõe da data exata em que a referida tirinha foi publicada, existe a certeza de que foi veiculada entre 1965, ano em que Filipe foi acrescentado à história de Mafalda, e 1973, ano em que Quino encerrou a publicação. Nesse período, na Argentina, mais especificamente de 1966 a 1973, instalou-se uma ditadura militar que cancelava quase todos os direitos civis, sociais e políticos devido a um quase constante Estado de Sítio, fato que possivelmente pode ter interferido na produção de Quino, ainda que inconscientemente. A valorização da educação poderia ser uma das alternativas à situação imposta, pois quem tem acesso aos direitos humanos não permite ser oprimido nem privado de sua liberdade.

As relações de sentido na tirinha são tensas, comportam a contradição e as possibilidades de atravessamento de questões exteriores, como posições político-ideológicas contrárias às do poder vigente, por exemplo, o que era impossível à época! A ideologia que vem funcionar na tirinha parece ser uma crítica atemporal ao conformismo, pois é fato que a maioria das crianças, ao longo dos tempos, não é devidamente incentivada a dedicar-se aos estudos. Mafalda, nesse sentido, é considerada uma criança diferente e revolucionária devido a sua inquietação cultural, as outras crianças são “normais”. De acordo com Pêcheux (2009, p. 149), a ideologia pode ser compreendida como a:

interpelação dos indivíduos em sujeitos (e, especificamente, em sujeitos de seu discurso) se realiza através do complexo das formações ideológicas (e, especificamente, através do interdiscurso intrincado nesse complexo) e fornece “a cada sujeito” a sua “realidade”, enquanto sistema de evidências e de significações percebidas-aceitas-experimentadas.

Sendo assim, ao mesmo tempo em que as tomadas de posição dos sujeitos inscrevem-se em uma temática popular, como é a frequência escolar, elas ativam outras possibilidades de leitura que não somente aquela que está escrita, sem deixar de fornecer a realidade necessária à situação de produção do discurso próprio às tirinhas, que é, geralmente, bordado com elementos implícitos e/ou irônicos. Nesse sentido, o conceito pré-construído de que a cultura é aprimorada

diariamente alerta para a questão de que faltar à escola significa interromper um processo estabelecido e, para alguns, até mesmo imposto, se se considerar o fato de que o que é ensinado ou não na escola perpassa por interesses políticos e ideológicos do Estado.

Brust (2011, p. 68) afirma a esse respeito que “afinal, pelo humor, pela ironia, temos a falha, a falta, os furos dos discursos produzidos, o lugar onde não há necessariamente comprometimento com a opinião do jornal e daí podem derivar multiplicidade de sentidos”. Portanto, as tomadas de posição em um discurso remetem ao fato de que os sujeitos e os sentidos sempre podem significar-se de outros modos, pois eles não são neutros e/ou transparentes.

3.3. O sujeito inscreve seu dizer no interdiscurso

O interdiscurso, já mencionado neste estudo, recebe destaque nesta parte da análise por ser uma das noções caras à AD no que se refere à constituição do sujeito. Pêcheux (2009, p. 154-155, grifos do autor) afirma que “o interdiscurso *aparece* como o puro já-dito [...] a unidade (imaginária) do sujeito, sua identidade presente-passada-futura encontra aqui *um de seus fundamentos*”.

Petri (2004a, p. 40) define o interdiscurso como o lugar onde estão todos os sentidos possíveis, “mas [que] só vão significar quando convocados por uma determinada FD”. Os sentidos que podem ser mobilizados por um sujeito, portanto, estão inscritos em um lugar formado por todo o já-dito. Nesse âmbito, o interdiscurso é “moldado” pela FD – que determina o que pode e o que deve ser dito por um sujeito.

A ilusão necessária a cada sujeito para assumir o discurso e tomar posição frente aos acontecimentos, formada pelos esquecimentos nº 1 (da ordem do inconsciente) e nº 2 (da ordem da formulação), perfaz aqui uma importante noção. A ideia de que para o sujeito significar ele precisa se inscrever no discurso reforça o fato de que a tomada de posição por uma FD mobiliza, dentro de todo o já-dito, o que pode ser dito em determinadas circunstâncias sociais, políticas e ideológicas.

O sujeito do discurso pode partir da ilusão de que é a origem do seu dizer ou pode ter o domínio de determinada FD e assumir posições-sujeito diferentes para

significar e produzir determinados efeitos de sentido em um discurso. De acordo com Petri (2004a, p. 40), “o sujeito pode inscrever-se no domínio de uma determinada Formação Discursiva, assumindo uma posição-sujeito bem determinada, onde o seu discurso produza determinados efeitos de sentido e não outros”. Em uma tirinha, desta vez do Armandinho (Figura 2), pode-se perceber o funcionamento da teoria:

Figura 2



Fonte: BECK, Alexandre. **Armandinho Um**. 1. ed. Florianópolis: A. C. Beck, 2014, p. 34.

Alexandre Beck, autor das tirinhas do Armandinho, publica em dois jornais de Santa Catarina, no Rio Grande do Sul, as travessuras do jovem menino de cabelo azul geralmente inquieto com as questões que o rodeiam. Com certa rebeldia e sagacidade, as “tiradas” do jovenzinho podem remeter, de certa maneira, à personagem Mafalda (considerada neste trabalho anteriormente, na figura 1), pois o ambiente familiar e as questões infantis e escolares também estão presentes no cotidiano de Armandinho.

No primeiro quadro da figura 2, o personagem revela ao pai sua nota nas disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática: “Tirei dez em português e matemática!”. A situação escolar, típica do cotidiano infantil, é uma das questões recorrentemente problematizadas pela forma-sujeito, fato que revela uma tomada de posição frente à diversidade de questões que poderiam ser abordadas.

A forma-sujeito do discurso se significa por meio de uma tomada de posição, por esse motivo é assumida uma posição-sujeito em meio a outras (posições-sujeito) que a forma-sujeito pode assumir. Na tirinha considerada (Figura 2), podem ser

identificadas duas posições-sujeito em funcionamento, que mobilizam diferentes saberes e estabelecem diferentes relações com a FD na qual se inscrevem prioritariamente.

Armandinho, no discurso em si, pode ser considerado uma criança regularmente matriculada em uma instituição de ensino e que possui dificuldade nas disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática, uma vez que a nota dez que ele revela ao pai, na verdade, é formada por “seis em português e quatro em matemática”, como ele mesmo admite no último quadro da tirinha. A comicidade da peça se dá justamente pelo fato de a nota considerada muito boa (já que “dez” é a nota máxima possível nas escolas do estado e do país) é desfeita no momento em que o jovem apresenta duas notas ruins (já que a nota média, na maioria das escolas do estado e do país, é sete).

Ao tratar de um tema de esfera escolar, a forma-sujeito, por meio da posição-sujeito Armandinho, revela a influência – consciente ou inconsciente – do interdiscurso, na medida em que é de conhecimento comum que a maior dificuldade dos jovens está justamente na Língua Portuguesa e na Matemática:

O interdiscurso é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. Para que minhas palavras façam sentido é preciso que elas já façam sentido. E isto é efeito do interdiscurso: é preciso que o que foi dito por um sujeito específico, em um momento particular, se apague na memória para que passando para o “anonimato”, possa fazer sentido em “minhas” palavras (ORLANDI, 2009, p. 33-34).

Por outro lado, desde o ano de 2007, está em andamento um índice de avaliação do desempenho dos estudantes, especificamente nas disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática, no ensino público/privado do país. Os resultados obtidos no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) estão disponíveis para acesso do público em geral, por meio do Portal do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep)¹:

O Ideb foi criado pelo Inep em 2007, em uma escala de zero a dez. Sintetiza dois conceitos igualmente importantes para a qualidade da educação: aprovação e média de desempenho dos estudantes em Língua Portuguesa e Matemática. O indicador é calculado a partir dos dados sobre aprovação escolar, obtidos no Censo Escolar, e médias de desempenho nas avaliações do Inep, o Saeb e a Prova Brasil (BRASIL, 2011).

¹ Mais informações sobre o Ideb podem ser acessadas por meio do sítio:
< <http://portal.inep.gov.br/web/portal-ideb/portal-ideb> >

Considerando que tal avaliação é realizada em três etapas da vida escolar (4ª série/5º ano, 8ª série/9º ano e 3ª série do Ensino Médio), a média, no Sul do país, gira em torno de 5.0, fato revelador de que a educação pública/privada ainda tem muito a progredir até atingir a nota 10. Nesse âmbito, o jovem Armandinho, que apresenta algumas dificuldades com letras e com números, se enquadra na média geral regional. Desse modo, propõe-se e considera-se aqui que um discurso não pode ser tomado isoladamente, mas em suas relações com a história, a ideologia e as condições de produção que estão atravessando todo e qualquer dizer, toda e qualquer prática social.

No que se refere ao sujeito produtor do discurso, considerando-se o contexto espacial e temporal, pode-se afirmar que ele inscreve-se em uma FD dada. Consta da apresentação do livro *Armandinho Um*, publicado em 2014, que as tiras do livro foram publicadas no jornal *Diário Catarinense*, no ano de 2011. Portanto, ainda que não se disponha da data exata de publicação da tirinha, existe a certeza de que foi veiculada em 2011, ano em que já circulavam informações sobre o Ideb. Não se pode afirmar que a tirinha tenha relação direta com a referida avaliação de desempenho, é por esse motivo que está se considerando aqui o funcionamento do interdiscurso no dizer.

A figura do pai é apresentada por meio de uma metonímia, se se considerar que é por uma parte (as pernas/os pés) que o personagem é apresentado. Tal fato pode ser aproximado da visão (horizontal) que a criança tem do pai, da mãe e/ou de qualquer adulto. Os personagens não se encontram em uma mesma posição social, pois o pai/a mãe está em posição de autoridade frente à criança. Aos pais cabe – deveria caber – o papel de educar e orientar os caminhos do filho em formação.

Nem os pais de Armandinho, nem os outros personagens que eventualmente aparecem nas tirinhas são nomeados, fato que configura uma visibilidade maior ao menino. Há certa inversão de papéis, portanto, pois é Armandinho quem tem autoridade nas tirinhas e na publicação que leva o seu nome. Na tirinha em questão (Figura 2), o pai incentiva o filho e vibra com o seu “sucesso”, enquanto o menino tem a palavra final. Além da quebra de expectativa com relação à nota dez (boa), confere humor à tira essa inversão dos papéis sociais, pois a posição-sujeito assumida por Armandinho revela a perspicácia tão contemporânea às crianças. Há

uma interrupção no diálogo, fato que faz com que o sentido fique em aberto, já que a voz do pai não aparece.

Antigamente não se concebia a ideia de uma criança assumindo uma posição-sujeito de autoridade e, mesmo hoje, há quem opte por um método tradicional de educação e não admita ser desautorizado(a). A questão é que o referido discurso está mobilizando a memória e os dizeres já ditos ou possíveis que garantem a formulação do saber, já que, na tirinha, a educação está sendo problematizada. Tal discurso pode, portanto, ser considerado o lugar da falha, da falta e do equívoco, já que os sentidos não são únicos e as tomadas de posição da posição-sujeito – assumida pela forma-sujeito do discurso – não são inocentes/transparentes.

Não se pode abster do fato de que o sujeito da Análise de Discurso é atravessado não só pela ideologia e pelo inconsciente, mas também pelas questões que o constitui, como por exemplo, a história, as condições de produção e de leitura, o interdiscurso etc. A esse respeito, Petri (2004b, s.p.) conclui e auxilia a avaliar que

admitir a noção de sujeito atravessado pela ideologia e dotado de inconsciente, que passa de indivíduo a sujeito para poder manifestar-se no mundo social do qual é parte constitutiva, implica a ampliação do campo teórico e metodológico dos estudos sobre o sujeito na linguagem. É preciso por em relação de tensão as questões relativas à linguagem e as questões anteriormente discutidas apenas pelas ciências de formação social - tais como as noções de história, de ideologia, de inconsciente, para destacar algumas - numa busca incessante da desconstrução do modelo de compartimentalização do conhecimento científico, que reinou absoluto durante muito tempo.

Defende-se aqui, portanto, a importância do ato de refletir sobre a categoria de sujeito devido à possibilidade de romper com o já estabelecido. A teoria discursiva pechetiana apresenta um outro lugar teórico e metodológico a partir das noções que mobiliza, ampliando as possibilidades de leitura do sujeito que se constitui na/pela língua.

4. CONCLUSÕES INICIAIS

Com o decorrer deste trabalho, foi possível considerar alguns pontos principais, não de modo exaustivo, acerca de três estudiosos de renome no campo

da Linguística. A Saussure é assegurado um lugar de fundamentos/fundação, pois, embora a subjetividade tenha sido desconsiderada por ele, as célebres dicotomias da língua e fala, diacronia e sincronia, significado e significante, paradigma e sintagma, identidade e oposição sugerem discussões relevantes em relação à língua e à linguagem. A partir de Benveniste (1976, p. 36), pode-se afirmar que o trabalho de Saussure não trata de “especulações de uma ordem transcendente, mas da pesquisa de dados elementares, sem os quais tudo flutua, tudo é arbitrariedade e incerteza”. Por meio de seus recortes epistemológicos, Saussure instituiu a Linguística como ciência e por esse motivo ele também figura neste trabalho.

Tanto Émile Benveniste quanto Michel Pêcheux apontam que o sujeito se constitui como tal a partir do outro. Benveniste sugere a relação do “eu” (o sujeito) com o “tu” (o outro), ao passo que Pêcheux refere a constituição do sujeito à ideologia, que se significa a partir do interdiscurso e do inconsciente (o discurso do outro). Sendo assim, a subjetividade proposta por Benveniste (2005) é a capacidade de o locutor propor-se como sujeito, enquanto a pensada por Pêcheux (2009) desloca a noção de eu e tu para uma relação entre os pontos A e B, via discurso.

Ainda no âmbito de aproximações entre as teorias benvenistiana e pechetiana, percebe-se que tanto Benveniste (2005) quanto Pêcheux (2009) recorrem à enunciação para definir a constituição do sujeito, pois é por meio de um “contrato comunicativo” que ocorre uma tomada de posição e, conseqüentemente, a individualização do sujeito. São diferentes modos de trazer à tona a categoria de sujeito nos estudos da linguagem, que tinha sido relegada ao segundo plano por Saussure.

No que se refere às oposições, entende-se que a subjetividade pode ser uma questão contrastante, uma vez que se apresenta a partir dela uma relação contrastiva entre os estudos benvenistianos e os estudos discursivos, porque, enquanto Benveniste considera apenas a instância da linguagem verbal humana como possibilitadora da instituição do sujeito, na Análise de Discurso entende-se que o sujeito também se significa por meio da linguagem não-verbal. Para esta teoria, segundo Orlandi (1995, p. 36), conforme já citado anteriormente, acepções como a de Benveniste “produzem uma assepsia do não-verbal”, pois podem induzir à conclusão de que é somente a língua oral que permite a comunicação; para a referida teoria, as questões não explicitadas no discurso também produzem

sentidos, uma vez que a ideologia, o inconsciente e as condições de produção, por exemplo, atravessam o sujeito e o discurso a ser analisado.

Entende-se que as noções trazidas pela Análise de Discurso, em especial sendo aqui considerados os autores Michel Pêcheux (1993; 2009), Eni Orlandi (1996) e Verli Petri (2004, 2010), têm muito a adicionar ao que até então se tem como comumente considerado no âmbito dos estudos linguísticos. A Análise de Discurso responde a muitas questões que, em um primeiro momento, podem apresentar-se confusas, se está sendo seguida uma linha de estudos positivista e/ou “inocente” em relação aos fatos. Porém, essa disciplina de interpretação parece não só estimular e convidar o (seu) leitor a desconfiar do que está posto no discurso, ao acenar para as possibilidades da língua, como também atentar a ele e ao analista para o fato de que sempre existirá a ideologia, o inconsciente, o interdiscurso, a história, o assujeitamento e as condições de produção agindo sobre o sujeito produtor de um discurso.

A partir do presente estudo, mais especificamente, por meio da análise das tirinhas da Mafalda e do Armandinho, é possível considerar-se como resultados iniciais que tanto para a enunciação quanto para a análise discursiva a tira é um espaço profícuo à reflexão, já que, com a conjugação de imagem e língua, se pode saber mais sobre enunciação e sobre discurso. Os conceitos de sujeito propostos por Benveniste (2005) e Pêcheux (2009) são bastante importantes, uma vez que apresentam aproximações e distanciamentos. Entende-se que se pode afirmar em relação aos primeiros “não-estudos” acerca da categoria de sujeito – considerando Saussure (2006) – e, após isso, às proposições de Benveniste (2005) e Pêcheux (2009), respectivamente, em suas Teoria da Enunciação/teoria do discurso, que Pêcheux (2009) traz contribuições relevantes nesse âmbito, já que, na Análise de Discurso, o sujeito do discurso assume o seu papel em relação ao(s) seu(s) interlocutor(es) sempre influenciado por questões históricas, ideológicas, linguísticas e psicanalíticas. Ao transpor-se a questão de o sujeito ser o centro e a origem do seu dizer, que é uma máxima na teoria benvenistiana e uma ilusão (necessária) na teoria pechetiana, pode-se apreender que considerar o sujeito o resultado de um processo social historicamente determinado requer a concepção de que: além de não ser a origem de seu dizer, ele é dotado de inconsciente e interpelado pela ideologia. A determinação do sujeito, enfim, é indispensável para o estudo do

discurso, representando uma área de conhecimento que tem muito a agregar para os estudos linguísticos.

REFERÊNCIAS

BECK, Alexandre. **Armandinho Um**. 1. ed. Florianópolis: A. C. Beck, 2014, p. 34.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. rev., ampl. e atual. Conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Revisão de Isaac Nicolau Salum. 5. ed. Campinas: Pontes Editores, 2005.

_____. Saussure após meio século. In: _____. **Problemas de linguística geral**. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Revisão de Isaac Nicolau Salum. São Paulo: USP, 1976, p. 34-49.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Ideb 2011**: Brasil continua a avançar. Brasília, DF, 2011.

BRUST, Viviane. Da comunicação ao discurso: um lugar para o sujeito nos estudos da linguagem. In: **Fragmentum**, n. 30. Santa Maria, Rio Grande do Sul: Laboratório Corpus-UFSM, jul./set. 2011, p. 56-72.

CERVO, Larissa; PETRI, Verli. A presença de Saussure na obra de Michel Pêcheux: reflexões sobre a noção de língua. In: NAGEM, G.; BALDINI, L. J. S.; ABRAHÃO E SOUSA, L. M. (Org.). **A palavra de Saussure**. No prelo, 2014.

GUIMARÃES, Eduardo. A marca do nome. In: **Rua** - Revista do núcleo de desenvolvimento da criatividade da Unicamp, n. 9. Campinas: Unicamp, 2003, p. 7-18.

HAROCHE, Claudine. **Fazer dizer, querer dizer**. Tradução de Eni Orlandi. São Paulo: Hucitec, 1992.

HOLANDA, Aurélio Buarque de. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

MALDIDIER, Denise. **A inquietação do discurso** – (Re)Ler Michel Pêcheux hoje. Tradução de Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.

MAZIÉRE, Francine. **A análise do discurso**: história e práticas. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2007.

NICOLAU, Marcos. As tiras e outros gêneros jornalísticos: uma análise comparativa. In: **Revista Eletrônica**. Ano VI, n. 02, fev. 2010. Disponível em: <http://www.insite.pro.br/2010/Fevereiro/tirinhas_genero_jornalístico_nicolau.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2014.

NORMAND, Claudine. Saussure-Benveniste. In: **Letras**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL/UFSM. n. 33. Santa Maria: PPGL/UFSM, maio/2007, p. 13-21.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Efeitos do verbal sobre o não-verbal. In: **Rua** - Revista do núcleo de desenvolvimento da criatividade da Unicamp. 1. ed. Campinas: Unicamp, mar. 1995, p. 35-47.

_____. **Análise de Discurso**: Princípios e procedimentos. 8. ed. Campinas, SP: Pontes, 2009.

_____. Análise de Discurso. In: ORLANDI, Eni; LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy (Orgs.). **Introdução às ciências da linguagem** – Discurso e textualidade. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2010, p. 11-31.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. **Por uma análise automática do discurso**. Tradução de Bethania Mariani et al. 2. ed. Campinas: Unicamp, 1993.

_____. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi et al. 4. ed. Campinas: Unicamp, 2009.

PETRI, Verli. **Imaginário sobre o gaúcho no discurso literário**: da representação do mito em *Contos Gauchescos*, de João Simões Lopes Neto, à desmitificação em *Porteira Fechada*, de Cyro Martins. 2004. 332 p. Tese (Doutorado em Letras) –

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004a. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/5534>>. Acesso em: 26 mar. 2014.

_____. Algumas reflexões sobre o sujeito nos estudos da linguagem. **Revista Língua e Instrumentos Linguísticos**, 13/14. Campinas, São Paulo: RG Editora, 2004b, s.p.

_____. Reflexões acerca do funcionamento das noções de língua e de sujeito no *Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul*. **Revista Língua e Instrumentos Linguísticos**, 23/24. Campinas, São Paulo: RG Editora, 2010, p. 25-35.

QUINO, **Mafalda**. [S.l.: s.n.]. Disponível em: <<http://loucamenteleitores.blogspot.com.br/2013/08/tirinhas.html>>. Acesso em: 03 maio 2014.

SANTANA, Ana Lucia. Mafalda. [S.l.: s.n.]. **Infoescola**. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/biografias/mafalda/>>. Acesso em: 03 maio 2014.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Organizado por Charles Bally, Albert Sechehaye e colaboração de Albert Riedlinger. Prefácio da edição brasileira de Isaac Nicolau Salum. Tradução de Antonio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.